

MARX, VIEIRA PINTO E AS TECNOLOGIAS NA SOCIEDADE MODERNA: APROXIMAÇÕES?

Felipe Silva Terto (PIBIC/CNPq/FA/UEM)
Maria Luísa Furlan da Costa (Orientadora/UEM)
E-mail: felipesilvaterto@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#)

Palavras-chave: capitalismo; tecnologia; trabalho

Resumo:

O objetivo deste texto é expor as incongruências em se buscar relações entre Karl Marx (1818-1883) e Álvaro Vieira Pinto (1909-1987). Centrado na leitura de *O Capital* (2017) e dos *Grundrisse* (2011), como também de intérpretes contemporâneos, como Moishe Postone (1942-2018) e Robert Kurz (1942-2012), a crítica da economia política torna-se incompatível com as ideias contidas em *O conceito de tecnologia* (2005), pois mesmo que pareçam apresentar semelhanças, estão em dissonância desde seus pressupostos. Dividido em duas partes, a primeira se atém aos contrapontos metodológicos dos autores para, no segundo momento, a exposição de uma relação entre a crítica de Marx à *forma social* moderna e suas tecnologias. Justifica-se no propósito de iluminar uma impossibilidade da relação entre os autores no que diz respeito às obras citadas.

Introdução

Este texto tem como objetivo explicitar as incongruências de se relacionar as contribuições de Marx, principalmente em *O capital* (2017) e nos *Grundrisse* (2011) e a partir de interpretações contemporâneas do autor, como Moishe Postone (2014) e Robert Kurz (2014), com as teses contidas no primeiro volume de *O conceito de tecnologia* (2005), de Álvaro Vieira Pinto. A partir da leitura de ambos, buscaremos expor como suas dissimetrias são fundamentais, metodológica e categorialmente.

Desse modo, essa dessemelhança é explicitada a partir da contraposição que Postone (2014) faz entre “marxismo tradicional” e a teoria crítica de Marx, diferença essa assentada sobretudo na compreensão da categoria “trabalho”, uma baseada em uma compreensão ontológica da relação entre ser humano e natureza, e a outra como categoria especificamente moderna, como atividade historicamente determinada e de objetivação das outras, como mercadoria, valor etc. Isto posto, a primeira

baseia-se numa crítica do capitalismo *a partir do trabalho* e, a outra, numa crítica *do trabalho* no capitalismo.

Materiais e métodos

Pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, baseada na leitura das obras *O Capital* (2017) e os *Grundrisse* (2011) de Marx, como também de novas interpretações contemporâneas, como Moişhe Postone (2014) e Robert Kurz (2014). O objetivo principal é explicitar as dessemelhanças teórico-metodológicas desses autores com a de Vieira Pinto em relação ao objeto em questão, baseando-se na obra *O conceito de tecnologia* (2005) e apresentando os pressupostos de cada um e os contrapondo.

Resultados e Discussão

Após a publicação póstuma de manuscritos de Vieira Pinto, divulgados aproximadamente 30 anos depois no livro *O conceito de tecnologia* (2005), ocorreram tentativas de o relacionar com o pensamento de Marx, como na própria contracapa ou em textos como o de Mueller (2011). Desse modo, como diz Marcos Cezar de Freitas na introdução, este é o livro que Vieira Pinto “[...] mais concede espaço a Marx para refletir sobre a categoria trabalho” (FREITAS, 2005, p. 21).

Devemos concordar com esta afirmação de Freitas, mas até certo ponto. A compreensão sobre o trabalho contida no texto é semelhante a certas leituras que se fazem do texto marxiano, porém, o objetivo deste texto é propor, a partir de outras interpretações de Marx, uma outra maneira de se compreender sua crítica da economia política. Essa semelhança e essa diferença podem ser explicitadas a partir das teses de Moişhe Postone, em seu livro *Tempo, trabalho e dominação social* (2014).

Segundo o autor, para retomarmos a radicalidade da crítica de Marx, devemos lê-la como historicamente situada, uma crítica à modernidade capitalista e não como uma compreensão ontológica acerca do humano e todas as outras formações sociais. Desse modo, circunscreve-la como uma crítica somente à forma social moderna, isto é, às suas categorias fundantes e específicas (como mercadoria, valor, dinheiro etc.), impõe-se a necessidade de reinterpretar a obra diferentemente das interpretações correntes.

De acordo com Postone (2014), as leituras comumente feitas dos textos de Marx se configuram com o que ele chama de “marxismo tradicional”. Este, de acordo com o autor, fundamenta sua crítica ao capitalismo *a partir do trabalho*, de como o capital se apropria da riqueza socialmente produzida e que, a partir de sua superação, as pessoas que se apropriariam dela. O problema desta compreensão é que, para Postone (2014), ela se baseia numa crítica à distribuição e somente a ela, é como se Marx não houvesse escrito o primeiro livro d’*O Capital* (2017) com o subtítulo “O processo de produção do capital”.

Isto posto, a radicalidade de Marx está, na verdade, em *criticar o trabalho no capitalismo*, pois segundo Postone (2014), o que o primeiro buscou explicitar em seus textos “maduros” é que, antes de apenas uma atividade ahistórica que fundamenta a relação entre ser humano e natureza, o trabalho é a atividade fundamental da sociedade moderna, a atividade socialmente determinada de objetivação das outras formas do capital. A crítica nesta interpretação passa, diferente da anteriormente citada, a se fundamentar como crítica da totalidade da reprodução, da produção e da distribuição.

A partir desta diferença fundamental de interpretação da obra de Marx, sobretudo de *O capital* (2017) e os *Grundrisse* (2011), podemos expor as incongruências de relaciona-la com *O conceito de tecnologia* (2005) de Álvaro Vieira Pinto. Mesmo que o autor nunca se autointitulou marxista, neste texto vemos a compreensão do trabalho como a que Postone (2014) designou como “marxismo tradicional”. A nosso ver não é por acaso que Norma Cortês, comentadora da obra do filósofo afirma que *O conceito de tecnologia* é “uma espécie de *Summa filosófica*” de argumentação analítica e “estritamente teórica” (CORTÊS, 2020, p. 6).

O objetivo do texto de Vieira Pinto é criticar certas teorias “idealistas” acerca da técnica, sobretudo a de Heidegger, que segundo o autor, as teses deste sobre o conceito de *Gestell* são uma “[...] ingenuidade da consciência em estado qualitativamente puro”, e sua proposta é “[...] uma reflexão que escape do redemoinho de abstrações inúteis e de palavreado eruditíssimo mas inteiramente estéril” (VIEIRA PINTO, 2005, p. 152-3). A partir de sua análise “materialista” da técnica é que o autor brasileiro pode também criticar o que ele chamou de “‘era tecnológica’ como ideologia”.

Segundo ele, uma das formas ideológicas contemporâneas é dizer que vivemos em uma “era tecnológica” e que não devemos critica-la exatamente por isso, por sua capacidade de desenvolvimento técnico. De certa forma, Vieira Pinto está correto neste raciocínio, mas se quisermos relaciona-lo com a crítica da economia política precisaríamos de mais mediações. Marx, radical crítico da sociedade moderna, nunca negou a capacidade autoexpansiva da produção no capitalismo.

Entretanto, como mostrou Robert Kurz (1992), é exatamente por esta necessária racionalização e mecanização da produção que reside a contradição mais fundamental do capital. Por conta da pressão gerada pela concorrência entre os capitais individuais, o aumento da massa de capital constante – veja, Marx emprega este termo para teorizar sobre as máquinas, compreendendo-as a partir das formas do capital – sobre o capital variável (força de trabalho) se tornou desidêntico e irreversível a partir, segundo o autor, da década de 1970, não conseguindo empregar mais trabalho como em outros regimes de acumulação, como o fordismo. De acordo com Kurz (1992), o que se chama comumente de neoliberalismo é, na verdade, o colapso da modernização, pois não há possibilidades de ciclos expansivos de acumulação do valor sem inserção da força de trabalho.

Esta diferença de compreensão acerca do trabalho em Marx que possibilita Kurz (1992) formular sua teoria da crise do capitalismo

contemporâneo, o que já não se pode encontrar em Vieira Pinto (2005). Não que esta impossibilidade seja um defeito da obra de Vieira Pinto em si, mas a questão deste texto é expor que relacionar as teses do autor brasileiro com as críticas de Marx contidas em seus textos de crítica da economia política é uma incongruência devida a própria dessemelhança fundamental de ambos.

Conclusões

A partir da leitura dos livros *O capital* (2017) e os *Grundrisse* (2011) de Marx, junto as interpretações contemporâneas dos mesmos, como nas obras de Postone (2014) e Kurz (1992), conclui-se que é uma impropriedade relaciona-las com as teses de Viera Pinto contidas no primeiro volume de *O conceito de tecnologia* (2005). Diferença essa que se assenta a partir de uma dessemelhança fundamental dos autores na compreensão da categoria “trabalho”.

Agradecimentos

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Fundação Araucária, a quem manifestamos nossos agradecimentos.

Referências

- CÔRTEZ, Norma. **Três comunicações reunidas sobre Álvaro Vieira Pinto**. Rio de Janeiro: Antes do tempo, 2020.
- FREITAS, Marcos Cezar de. Introdução: O conceito de tecnologia: o quarto quadrante do círculo de Álvaro Vieira Pinto. In. VIEIRA PINTO, A. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- KURZ, Robert. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Tradução: K. E. Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KURZ, Robert. **Dinheiro sem valor**: linhas gerais para uma transformação da crítica da economia política. Tradução: Lumir Nahodil. Lisboa: Antígona, 2014.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2 ed. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Tradução: Mario Duayer, Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MUELLER, Rafael Rodrigo. “O fetiche da tecnologia e a teleologia da história: análise crítica do irracionalismo tecnológico”. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.**, v.12, n.101, p.171-198, ago/dez 2011.
- POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social**: Uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. Tradução: Amilton Reis, Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

30º Encontro Anual de Iniciação Científica
10º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



11 e 12 de novembro de
2021